



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAPÁ

CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E INGLÊS

CAMPUS MACAPÁ

BRUNA FERNANDES GAIA

“EM MIM TU VIVIAS”: uma análise comparada sobre o Duplo no romance “A Metade Sombria”, de Stephen King, com o conto “William Wilson”, de Edgar Allan Poe

MACAPÁ

2022

BRUNA FERNANDES GAIA

“EM MIM TU VIVIAS”: uma análise comparada sobre o Duplo no romance “A Metade Sombria”, de Stephen King, com o conto “William Wilson”, de Edgar Allan Poe

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a coordenação do curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês como requisito avaliativo para obtenção do título de Licenciatura em Letras Português/Inglês.

Orientadora: Prof^ª Dra. Ingrid Lara de Araújo Utzig

Coorientadora: Prof^ª Ma. Aldina Tatiana Silva Pereira

MACAPÁ

2022

Biblioteca Institucional - IFAP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G137" Gaia, Bruna Fernandes
"Em mim tu vivias": uma análise comparada sobre o duplo no romance
"a metade sombria", de stephen king, com o conto "william wilson", de edgar
allan poe / Bruna Fernandes Gaia - Macapá, 2022.
42 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Campus Macapá, Curso de
Licenciatura em Letras Português/Inglês, 2022.

Orientadora: Dra. Ingrid Lara de Araújo Utzig.
Coorientadora: Ma. Aldina Tatiana Silva Pereira .

1. Duplo. 2. Análise Comparada . 3. Edgar Allan Poe e Stephen King. I. Utzig,
Dra. Ingrid Lara de Araújo , orient. II. Pereira , Ma. Aldina Tatiana Silva,
coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica do IFAP com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

BRUNA FERNANDES GAIA

“EM MIM TU VIVIAS”: uma análise comparada sobre o Duplo no romance “A Metade Sombria”, de Stephen King, com o conto “William Wilson”, de Edgar Allan Poe

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a coordenação do curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês como requisito avaliativo para obtenção do título de Licenciatura em Letras Português/Inglês.

Orientadora: Prof^a Dra. Ingrid Lara de Araújo Utzig

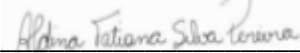
Coorientadora: Prof^a Ma. Aldina Tatiana Silva Pereira

BANCA EXAMINADORA



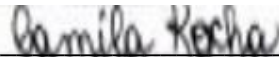
Prof^a Dra Ingrid Lara de Araújo Utzig (Orientadora)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá



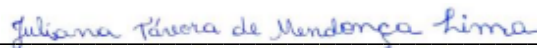
Prof^a Ma. Aldina Tatiana Silva Pereira (Coorientadora)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá



Prof^a Camila de Nazaré Colares da Rocha

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá



Prof^a Ma. Juliana Távora de Mendonça Lima

Universidade do Estado do Amapá

Apresentado em: 12 /12 /2022.

Conceito/Nota: 10,0

Ao meu sobrinho, Pedro Henrique, e afilhado,
Salomão, que foram uns dos meus maiores
incentivos para estudar e ser um bom exemplo.
E para ser a tia/dinda mais legal que os leva ao
cinema e para comer sorvete.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Clélia, que mesmo longe fisicamente nunca deixou de estar presente nessa minha jornada, nunca deixou de me apoiar, sempre acreditando em mim mais do que qualquer um. Falo, tranquilamente, que aguentei ficar todo esse tempo longe e com saudades mais por causa da senhora do que minha. Ser a caçula e morar longe da mãe é difícil. Mas consegui.

Aos meus tios, Carmem e Kanji, que me abrigaram todos esses anos em Macapá para que eu pudesse cursar a faculdade sem maiores preocupações, mesmo sem ter obrigação alguma de me ajudar, serei eternamente grata. Essa minha conquista também é de vocês.

Aos meus irmãos, Víctor e Natasha, que mesmo longe me apoiaram e incentivaram. E que preparavam minhas comidas preferidas quando eu ia de férias para nossa cidade natal. Espero que quando eu voltar continue assim.

Aos meus primos, Nobuo, Graziela e Yuji, que me acolheram e me ajudaram com minha estadia, para que eu me sentisse em casa. Desde me levar para lanchar para me tirar um pouco do estado de “universitária” vinte e quatro horas por dia, até ouvir eu me reclamar de quão cansativo é e responder “é, eu sei, é assim mesmo, mas tu consegues”.

À minha orientadora, professora Lara, que tem uma paciência incrível com seus orientandos e que não se abalou com meus surtos. Ou se abalou, não deixou transparecer. A cada elogio de algum capítulo me deu mais esperanças que eu posso, sim, ser uma pesquisadora. A senhora é uma verdadeira inspiração.

À minha coorientadora, professora Tatiana, que além de ser minha maior influenciadora para ler Poe, me fez perceber pontos desse trabalho para que eu o melhorasse quando fez parte da minha banca do pré-projeto. Suas considerações me ajudaram bastante.

Aos meus amigos, principalmente Gabriel, Érika, Dalila e Felipe, sem vocês aqui eu provavelmente passaria por maus bocados. Obrigada por me fazerem rir e estarem comigo todo esse tempo.

A mim, que, sinceramente, achou que conseguiria, mas pensou que seria mais fácil. Não foi mais fácil. E que apenas começou uma nova jornada na vida. Não esqueça que você é jovem, não precisa conquistar tudo agora. E que fala consigo mesma na terceira pessoa.

“Quantos eus desconhecidos uma pessoa poderia ter, escondidos lá no fundo? ”

(Stephen King, em “Escuridão Total Sem Estrelas”)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo atualizar o debate sobre o Duplo na literatura, por meio de estudos de literatura comparada sobre duas obras: o conto “William Wilson” (2011), de Edgar Allan Poe, e o romance “A Metade Sombria” (2019), de Stephen King, assim como atualizar os estudos comparatistas sobre os autores analisados. Admitimos como hipótese do trabalho que haja influência da escrita de Poe nas narrativas de King, deduzindo que esse fator também ocorra na temática do *Doppelgänger*. A fim de verificarmos a hipótese, estabelecemos como objetivos específicos averiguar se na vida pessoal dos escritores há semelhanças que acarretem na suas respectivas escritas, e ainda debater a estética do Duplo a partir do prisma do espelhamento da consciência e do gêmeo. O trabalho se baseia em uma estratégia qualitativa de pesquisa, de cunho exploratório, por meio de levantamento bibliográfico sobre o tema. O foco da monografia é comparar os autores, a vida de ambos, e como eles abordam o Duplo. Para isso, o tema do Duplo fora desenvolvido a partir do aprofundamento teórico dos autores: Fernandez-Bravo (2000); Otto Rank (2014); Carl F. Keppler (1972); Guilherme Z. Azevedo (2006); Selma de A. Camargo (2020); Juan H. Cecilia (2011); Maristela S. Deves (2020); Lubomir Dolezel (1999); Júlio França (2009); Clémet Rosset (2008); Sigmund Freud (1996); Lenice A. Soares (2019); Carl Gustav Jung (1996; 2008; 2008). No que diz respeito a Literatura Comparada, fundamentamo-nos no aporte teórico de: Brunel, Pichois, Rousseau (1990); Tânia F. Carvalhal (2006); Jean-Louis Cupers (1988); Figueiredo e Faedrich (2006); Henry H. H. Remak (1994); Ulrich Weisstein (1973); e Sandra Nitrini (2000). Ao fim da análise, fora constatado que ambos os autores utilizaram o *doppelgänger* com características já conhecidas nessa estética, Poe abordando mais como reflexo da consciência e King como gêmeo, mostrando que o Duplo é um tema que transcende épocas e culturas, continuando uma questão atual.

Palavras-chave: duplo; literatura comparada; poe; king.

ABSTRACT

The present work aims to update the debate on the Double in literature, through comparative literature studies on two works: the short story “William Wilson” (2011), by Edgar Allan Poe, and the novel “The Dark Half” (2019), by Stephen King, as well as updating the comparative studies on the authors analyzed. We assume as work’s hypothesis that there is an influence of Poe’s writing on King’s narratives, deducing that this factor also occurs in the *Doppelgänger* theme. In order to verify the hypothesis, we established as specific objectives to verify if there are similarities in the personal life of the writers that lead to their respective writings, and also to debate the Double’s aesthetic from the prism of the mirroring of consciousness and the twin. The paper is based on a qualitative research strategy, of an exploratory nature, through a bibliographic survey on the subject. The focus of the monography is to compare the authors, their lives, and how they approach the Double. For this, the Double theme was developed from the theoretical depth of the authors: Fernandez-Bravo (2000); Otto Rank (2014); Carl F. Keppler (1972); Guilherme Z. Azevedo (2006); Selma de A. Camargo (2020); Juan H. Cecilia (2011); Maristela S. Deves (2020); Lubomir Dolezel (1999); Júlio França (2009); Clémet Rosset (2008); Sigmund Freud (1996); Lenice A. Soares (2019); and Carl Gustav Jung (1996; 2008; 2008). With regard to Comparative Literature, we are based on the theoretical contribution of: Brunel, Pichois, Rousseau (1990); Tânia F. Carvalhal (2006); Jean-Louis Cupers (1988); Figueiredo e Faedrich (2006); Henry H. H. Remak (1994); Ulrich Weisstein (1973); and Sandra Nitrini (2000). At the end of the analysis, it was verified that both authors used the *doppelgänger* with characteristics already known in the aesthetic, Poe approaching more as a reflection of consciousness and King as a twin, showing that the Double is a theme that transcends times and cultures, being a current issue.

Keywords: double; comparative literature; poe; king.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Uma breve contextualização sobre o horror e o gótico	12
1.2	A literatura fantástica	13
1.3	O Duplo (ou <i>Doppelgänger</i>)	15
2	A ANÁLISE COMPARADA	20
2.1	Sobre os autores: Edgar Allan Poe e Stephen King	22
2.2	Sobre as obras	23
2.3	O Duplo em “A Metade Sombria” e “William Wilson”	25
3	O DUPLO COMO GÊMEO E COMO REFLEXO DA CONSCIÊNCIA	29
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

Em diversas obras é possível encontrar influências da escrita de Poe nos exemplares de King. Diante disso, deduz-se que na temática do Duplo ocorra, da mesma forma, essa influência. Assim, o trabalho analisou quais perspectivas foram utilizadas para escrever sobre o *Doppelgänger* nas narrativas – invertido, sombra, gêmeo, reflexo, transferência, etc – e de que maneira ambos os autores abordam este tema em específico.

O presente estudo analisa o Duplo em duas obras: “A Metade Sombria” (2019), de Stephen King, e “William Wilson” (2011), de Edgar Allan Poe, com o objetivo principal atualizar o debate sobre o Duplo na literatura, assim como atualizar os estudos comparatistas sobre ambos os autores supracitados. Segundo Nitrini (2000, p. 32),

O trabalho comparatista não se deve limitar a relacionar textos, uma vez que a vida do autor constitui um fator importante na gênese da obra. A revelação e a difusão de ideias e sentimentos podem, às vezes, partir de um fato histórico ou social. A cronologia é importante na medida em que situa devidamente as aproximações, eliminando-as se forem falsas.

Sendo assim, um dos objetivos específicos possui o propósito de averiguar se na vida pessoal dos autores analisados há algo semelhante entre ambos que possa acarretar no tipo de escrita que possuem, tendo em vista que os literatos são mundialmente conhecidos pela literatura gótica. Outro objetivo específico é debater a estética do Duplo a partir do prisma do reflexo e do gêmeo.

As obras desses autores são analisadas por diversos pesquisadores em múltiplas perspectivas. Diante do tema proposto neste trabalho questões foram levantadas, tais elas: Como a estética do Duplo se manifesta em “A Metade Sombria” e “William Wilson”? Quais abordagens do Duplo são exploradas nessas duas obras? A vida pessoal de ambos os escritores influencia seu modo de escrever nesta estética? Pretende-se responder essas indagações ao longo do trabalho.

Para isso, encontra-se no primeiro capítulo a contextualização sobre o horror e o gótico na literatura, já que ambos autores fazem parte desse cenário, além de contextualizar sobre o Fantástico até chegar na contextualização sobre o Duplo. No capítulo seguinte há uma breve contextualização sobre a metodologia da análise comparada para então discorrer sobre a verossimilhança entre os autores e suas obras aqui analisadas, para enfim comparar o Duplo em ambas as narrativas e no terceiro capítulo é analisado o Duplo das obras.

Esta análise busca ser de grande valia para pesquisadores da área de Literatura Comparada, da estética do Duplo, do Gótico, do Fantástico, e dos autores supraditos, já que ambos possuem uma bibliografia vasta e são regularmente comparados. Entretanto, algumas análises comparatistas ainda não foram debatidas no campo acadêmico, sendo esse um fator motivacional para esta pesquisa.

Como pesquisadora e apreciadora de livros dos gêneros gótico, fantástico e terror¹, abordar essas obras e esses autores é de uma enorme importância para mim, já que minha paixão pela leitura gótica aflorou com as obras de King e só aumentou quando conheci as obras de Poe, e agora com este trabalho, fez-me apreciá-los ainda mais. Comecei a ler Stephen King aos 13 anos, com “Carrie, a Estranha” e me intrigou como ele conseguia prender o leitor desde o começo do romance até o fim, como ele conseguiu pôr-me medo só pela leitura. Fiquei extasiada, desde então li mais e mais livros de King. Li “O Corvo”, de Poe, aos 16 anos e foi uma descoberta “sem querer”, pois estava estudando Machado de Assis e vi que ele tinha traduzido o poema de Poe para português. Foi na faculdade, para um trabalho em Literatura Norte-Americana II, que me encantei mais por Poe. Li “A Máscara da Morte Rubra” por indicação da professora – atualmente minha coorientadora – e foi quando sabia que teria que ler mais obras dele, ele me prendeu na leitura assim como King fizera.

Ao ler ambos escritores, percebi que as obras se assemelhavam em aspectos marcantes, como a construção do suspense, o uso de animais e descrição na narrativa. Com isso em mente, decidi que minha análise teria de ser com algo relacionado a eles e ao gótico, já que passei grande parte da minha vida lendo livros desses escritores por puro prazer, e após alguns levantamentos bibliográficos, fora decidido que “A Metade Sombria” (2019) seria a obra analisada juntamente com “William Wilson” (2011), já que elas se conectam no tema pesquisado, e King chega a citar diretamente William Wilson em seu romance².

¹ O uso da primeira pessoa do singular nesta parte do trabalho tem como embasamento o autor Cersosimo, onde, no artigo “O ‘eu’ no trabalho acadêmico: considerações sobre a proibição ao uso da primeira pessoa do singular nos textos científicos”, argumenta “[...] defendo que se abra mão do fetiche da impessoalidade nas obras acadêmicas, para que o autor possa se permitir mais em seu texto, em sua pesquisa, possibilitando homenagens mais sinceras e diretas às suas fontes e colaboradores e também um diálogo mais rico com os destinatários da sua obra” (p. 13). Disponível em: https://www.academia.edu/33506740/O_eu_no_trabalho_acad%C3%AAmico_Considera%C3%A7%C3%B5es_sobre_a_proibi%C3%A7%C3%A3o_ao_uso_da_primeira_pessoa_do_singular_nos_textos_cient%C3%ADficos. Acesso em: 22 dez. 2022.

² Citado e analisado no subcapítulo 2.3 deste trabalho.

1.1 Uma breve contextualização sobre o horror e o gótico na literatura

No século XVII e parte do século XVIII houve a proliferação de folhetins de horror e assombração, e assim, pouco a pouco, foi surgindo a escola literária “gótica”, do horrível e do fantástico na ficção. O precursor desta escola fora Horace Walpole em 1764, publicando o livro “O Castelo de Otranto”. Essa obra incentivou para o crescimento da literatura fantástica voltada para o horror e sobrenatural, como cita Lovecraft (1987, p. 14): “uma narrativa sobrenatural, que, embora em si medíocre e de todo inconveniente, estava fadada a exercer uma influência quase ímpar na literatura do irreal”. Vale ressaltar, ainda, que o medo, o mito e lendas mais sombrias já eram presentes em diversas culturas, geralmente com narrativas orais, passando de uma geração a outra, envolvendo bruxaria e demonologia.

Após a publicação de Walpole, na Inglaterra a primeira influenciada pela obra supracitada fora Mrs. Barbauld, que publicara “*Sir Bertrand*”, um fragmento inacabado, em 1773. Clara Reeve publicou “O Velho Barão Inglês” em 1777, nessa época o gótico já se fixara e era reproduzido em grande escala conforme o século XVIII se aproximava do seu encerramento. É importante enfatizar que Ann Radcliffe, com “Os Mistérios de Udolpho”, trouxe um novo “ar” para o gênero gótico, como menciona Lovecraft (1987, p. 18): “a imaginação visual de Mrs. Radcliffe era vivíssima, e tanto se manifesta em suas deliciosas pinceladas paisagísticas – sempre em contornos encantadoramente pictóricos, nunca em minúcias – como em suas fantasias alucinatórias”. Há outros autores que merecem reconhecimento como os romancistas Charles Brockden Brown, Matthew Gregory Lewis e Charles Robert Maturin.

Uma das obras listadas como gótica por Lovecraft (1987) é o famoso “Morro dos Ventos Uivantes” (1847) de autoria de Emily Brontë, mesmo que *a priori* seja uma narrativa de paixões humanas misturadas com aflição e conflito, o espaço narrado na história tende para o gênero místico e do horror, e um fato que reforça esse argumento é o caso que o herói-vilão, Heathcliff, viola o túmulo de sua amada Catherine Earnshaw, além do próprio ser atormentado por uma presença espiritual. Lovecraft ainda ressalta que:

O horror sobrenatural de Miss Brontë não é um simples arremedo gótico, mas uma tensa expressão do calafrio do homem em face do desconhecido. Neste aspecto, Morro dos Ventos Uivantes é o símbolo de uma transição literária, e marca o crescimento de uma escola nova e mais saudável (1987, p. 38).

O cenário de misturar o psicológico com o físico é algo que se repete com certa frequência nas narrativas góticas, todavia mesmo ao se repetir em várias obras tornou-se algo que possibilita o leitor se prender mais nas histórias ao se questionar se o que está acontecendo com a personagem é obra de sua mente ou algo que está acontecendo de fato. Segundo Hogle,

[...] as ficções góticas geralmente brincam e oscilam entre as terrenas leis da realidade convencional e as possibilidades do sobrenatural [...] muitas vezes se aliando a uma dessas sobre a outra no final, porém usualmente levantando a possibilidade de que os limites entre elas possam ter sido ultrapassados, pelo menos psicologicamente, mas também fisicamente ou ambos³ (2002, p. 2-3).

Em “O Horror Sobrenatural na Literatura”, Lovecraft dedicou um capítulo de seu livro apenas para Edgar Allan Poe, no qual o escritor ressalta que “[...] Poe fez o que antes ninguém fizera ou poderia ter feito; e é a ele que devemos a moderna história de horror em seu estado final e acrisolado” (LOVECRAFT, 1987, p. 48). É certo que vieram muitos autores antes de Poe que já deixaram um legado na literatura gótica, todavia a influência de Poe pode ser comprovada em vários estudos analíticos em diversas obras que vieram depois de sua escrita.

O gótico perpetua até os dias atuais, seja na literatura quanto no cinema, e de acordo com Bruhm (2002), o gótico contemporâneo é marcado – e diferenciado do gótico clássico – pelo fato do “retorno compulsivo de protagonistas e espectadores a certas fixações, obsessões e bloqueios⁴” (p. 261). Assim, o gótico passa a ser analisado através da retórica da psicanálise por muitos intérpretes e, conseqüentemente, os estudos Freudiano e Junguiano passam a ser recorrentes para entender o gótico na contemporaneidade.

1.2 A literatura fantástica

Não se sabe ao certo quando e onde surgiu a literatura fantástica, já que desde os primórdios ela vem sendo utilizada em mitos e fábulas. Todorov (1975) diz que a literatura fantástica surgiu com o autor francês Jacques Cazotte no fim do século XVIII, e de acordo com Ceserani (2006), E.T.A Hoffmann fora o grande contribuinte para a ascensão e sucesso da

³ Tradução livre da autora. No original: “[...] *Gothic fictions generally play with and oscillate between the earthly laws of conventional reality and the possibilities of the supernatural [...] often siding with one of these over the other in the end, but usually raising the possibility that the boundaries between these may have been crossed, at least psychologically but also physically or both*”.

⁴ Tradução livre da autora. No original: “*is the protagonists’ and viewers’ compulsive return to certain fixations, obsessions, and blockages*”.

literatura fantástica com seus contos “O Homem de Areia”, “Vampirismo”, “Os Sócios” etc. Todorov define três condições para que uma narrativa possa ser considerada fantástica:

Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem desta forma o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas da obra [...]. Enfim, é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação “poética”. Estas três exigências não têm valor igual. A primeira e a terceira constituem verdadeiramente o gênero; a segunda pode não ser satisfeita. Entretanto, a maior parte dos exemplos preenchem as três condições (TODOROV, 1975, p. 38-39).

Sendo assim, Todorov acredita que a hesitação é fundamental para a literatura fantástica, e a segunda condição está ligada à primeira, já que essa hesitação pode ocorrer tanto na organização do discurso – com o uso da personagem da narrativa – quanto ao ato de ler do leitor. Desta forma, o leitor interpreta a hesitação com base no discurso da personagem quanto na narração dos fenômenos que estão sendo descritos. Já a terceira condição seria uma leitura no sentido literal, excluindo a leitura poética ou alegórica, como Todorov (1975, p.85) constata: “o sobrenatural nasce frequentemente do fato de se tomar o sentido figurado ao pé da letra”.

Em seu livro “O Fantástico”, Ceserani (2006) discorre que o fantástico:

[...] surge de preferência considerado não como um gênero, mas como um “modo” literário, que teve raízes históricas precisas e se situou historicamente em alguns gêneros e subgêneros, mas que pôde ser utilizado – e continua a ser, com maior ou menor evidência e capacidade criativa – em obras pertencentes a gêneros muitos diversos (p. 12).

Assim, Ceserani acredita que o fantástico é um modo, não um gênero em si, já que o fantástico pode apresentar-se em diversos gêneros e subgêneros literários. Além disso, Ceserani comenta sobre a definição do fantástico de Todorov, onde diz que o autor incluiu análises de Freud na sua conceituação, mas atentou-se, ainda, para formar um discurso retórico e literário, estruturando termos bem definidos para classificar o que poderia se adequar como literatura fantástica. Para Ceserani:

A vantagem da definição de Todorov é que ela se apresenta baseada não em dois elementos, mas em três. Isso permite a ele introduzir no lugar do conceito de “ruptura” ou “conflito”, o conceito de “ambiguidade”, como característica essencial do texto, do personagem; ou como reação, prevista pelo texto, do leitor (2006, p. 55).

O autor cita sistemas temáticos recorrentes na literatura fantástica, que são: 1) a noite, a escuridão, o mundo obscuro e as almas do outro mundo; 2) a vida dos mortos; 3) o indivíduo, sujeito forte da modernidade; 4) a loucura; 5) o duplo; 6) a aparição do estranho, do monstruoso, do irreconhecível; 7) o Eros e as frustrações do amor romântico e; 8) o nada. Desses sistemas temáticos, ressaltamos o duplo, já que a análise deste trabalho é nessa perspectiva. Ceserani conceitua o duplo da seguinte forma:

O desdobramento, gêmeos e sócias, a duplicidade de cada personalidade, tudo isso é tema antigo, já muito desenvolvido no teatro, seja no trágico ou no cômico, mas também nas narrativas de todos os tempos. Entretanto, no fantástico, o tema é fortemente interiorizado, e ligado à vida da consciência, das suas fixações e projeções. O tema, nos textos fantásticos, se torna mais complexo e se enriquece, por meio de uma profunda aplicação dos motivos do retrato, do espelho, das muitas refrações da imagem humana, da duplicação obscura que cada indivíduo joga para trás de si, na sua sombra (CESERANI, 2006, p. 83).

O Duplo é um recurso já muito utilizado na Literatura desde a Antiguidade até os dias atuais, modificando-se ao decorrer do tempo, é um tema que abrange a Psicanálise, onde é tratado como o “Outro”. Sendo ele um tema muito recorrente no Fantástico onde muitos autores o utilizam de diversas formas e vários pesquisadores analisaram sobre essa temática, a qual será exposta a seguir.

1.3 O Duplo (ou *Doppelgänger*)

O Duplo (ou *Doppelgänger*) tem sua temática ligada à mitologia de Andrógino⁵, do filósofo Platão no livro “O Banquete”⁶, onde, na mitologia grega, refere que, em seus primórdios, havia três gêneros: homem, mulher e a combinação deles, os andróginos. Todavia, Zeus parte o homem em dois, e esse desmembramento sucede em uma busca pela a outra metade pelo resto da vida. Assim, o homem possui uma natureza dupla. Essa dualidade é igualmente representada em espelhos, sombras, réplicas, antíteses, retrato/fotografia e alter ego, fazendo o Duplo ter diversas perspectivas.

Na Antiguidade até o final do século XVI o mito sobre o Duplo representa o congênere, o homogêneo. A aparência semelhante entre duas pessoas é usada para fins de substituição, de roubo de identidade e personalidade, o sócia pode ser confundido com o vilão e vice-versa.

⁵ Mito da alma gêmea.

⁶ Também conhecido como “Simpósio”, é um diálogo do filósofo escrito por volta de 380 a.C.

Com o fim do século XVI, o Duplo desperta uma visão mais heterogênea, e essa temática continua presente nos dias atuais. Como afirma Fernandez-Bravo (2000, p. 264), “o mito do duplo continua a ser atual, como figura privilegiada do heterogêneo”.

Na literatura, o *Doppelgänger* possui um legado extenso com obras conhecidas mundialmente como os clássicos “O Homem de Areia”, de E.T.A Hoffmann – que Rank diz ser “o criador clássico do duplo” (2014, p. 10) –, “O Duplo”, de Fiodor Dostoievsky, “O retrato de Dorian Gray”, de Oscar Wilde, “O médico e o monstro”, de Robert Louis Stevenson, “O homem duplicado”, de José Saramago, assim como obras mais contemporâneas como “Coraline”, de Neil Gaiman, para citar alguns nomes. O Duplo, consoante a Fernandez-Bravo (2000, p.261):

[...] o termo consagrado pelo movimento do romantismo [alemão] é o de *Doppelgänger*, cunhado por Jean-Paul Richter em 1796 e que se traduz por “duplo”, “segundo eu”. Significa literalmente “aquele que caminha do lado”, “companheiro de estrada”. Endossamos a definição dada pelo próprio Richter: “assim designamos as pessoas, que se veem a si mesmas”. O que daí se deduz é que se trata, em primeiro lugar, de uma experiência de subjetividade.

Além da literatura, o Duplo é um tema recorrente na cinematografia⁷, artes plásticas e na música. Nas histórias onde esse tema é retratado é possível perceber um sentimento de mistério, nem sempre decifrável desde o começo. Diante disso, essa subjetividade abre portas para perspectivas distintas do que possa ser o Duplo e como cada autor o utiliza. Essa subjetividade ajudou a fazer com que o Duplo evoluísse, saindo da concepção do autoconhecimento – ou da falta dele – quando entra o fantástico. Para Fernandez-Bravo (2000, p. 263):

Um conflito psíquico cria o duplo, projeção da desordem íntima; o preço a pagar pela libertação é o medo do encontro. Mas o duplo está ligado também ao problema da morte e ao desejo de sobreviver-lhe, sendo o amor por si mesmo e a angústia da morte indissociáveis. Visto sob essa perspectiva, o duplo é uma personificação da alma imortal que se torna a alma do morto, ideia pela qual o eu se protege da destruição completa, o que não impede que o duplo seja percebido como um ‘assustador mensageiro da morte’.

Já Keppler (1972) define o duplo como idêntico ao original e diferente dele, ou seja, dicotômico. É o oposto e complementar, o bom e o mau, o interior e exterior, além de gerar no original emoções extremas como atração e repulsa ao mesmo tempo. Para o estudioso, o

⁷ Desde adaptações de livros, como “Coraline” (2009), de Neil Gaiman, e inspirações, como o filme “O Estudante de Praga” (1914), de Hans Heinz Ewers, que fora inspirado no conto “A imagem perdida” de E.T.A. Hoffmann. Vale enfatizar que Otto Rank teve como motivação para seu estudo e sua obra “O duplo”, o filme de Ewers, sendo o primeiro capítulo do exemplar uma análise sobre o longa-metragem.

encontro entre as metades acontece em um momento de vulnerabilidade do eu original. Em sua análise, Keppler cataloga sete categorias, sendo eles: o perseguidor, o tentador, o salvador, o gêmeo, o bem-amado, o duplo no tempo e a visão de horror. Deve-se enfatizar que o conceito de *Doppelgänger* de Keppler se baseia na psicologia de integração da personalidade de Jung.

Em “O Estranho” (ou “*Das Unheimliche*”), Freud discorre, entre outras coisas, sobre o Duplo, e ele o faz analisando o conto já citado neste trabalho, “O homem de areia”, de Hoffmann. Para ele, “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (1976, p. 277). Soares (2019, p. 33) resume em poucas palavras o que Freud entende sobre o duplo, após analisar o conto de Hoffmann, usando Otto Rank como sua base teórica:

Freud acredita ser o duplo “uma criação que data de um estágio mental muito primitivo, há muito superado” e que o ego projeta para fora esse material, “como algo estranho a si mesmo”. Ele ainda afirma que “as outras formas de perturbação do ego, exploradas por Hoffmann, podem ser facilmente avaliadas pelos mesmos parâmetros do tema do ‘duplo’”, ou seja, como um “retorno a determinadas fases na elevação do sentimento de autoconsideração, uma regressão a um período em que o ego não se distinguira ainda nitidamente do mundo externo e de outras pessoas”, o que Freud acredita ser, em parte, responsável pela impressão de estranheza (1976, p. 286-287).

Clément Rosset (2008) na sua obra “O real e o seu duplo: ensaio sobre a ilusão”, disserta que o tema do *Doppelgänger*, geralmente, é correlacionado aos fenômenos de desdobramento de personalidade e à literatura, em especial a romântica, se encontram variados ecos seus. Para ele, **o Duplo é paradoxal**, pois ele é ao mesmo tempo ele próprio e outro. Maristela Deves é consoante com a **ideia que o Duplo é paradoxal**, como percebe-se no trecho que a autora cita que “a figura do duplo: ele é um outro, mas é também alguém familiar, pois espelha o eu, estabelecendo com ele uma relação de identidade e, ao mesmo tempo, de diferença – a diferença é aquilo que se nega” (2020, p. 147). Esse reflexo, projeção fantasmagórica – que por vezes não é visto por ninguém além do seu original –, sombra ou gêmeo, muitas vezes é o antagonista do original, sendo Duplo do bem ou do mau,

Um exemplo literário do duplo antagonístico poderia ser representada pela temática dos *evil twins*, os gêmeos fisicamente idênticos, mas de caráter invertido como o personagem do rei Luís XIV e seu irmão no romance de Alexandre Dumas, O Visconde de Bragelonne, cujo episódio O homem da máscara de ferro recebeu uma série de adaptações teatrais e cinematográficas (FRANÇA, 2009, p. 7).

Há o *Doppelgänger*, que não é uma sombra ou reflexo do sujeito, nem mesmo uma extensão, e sim um outro ser extrínseco, que por alguma razão está ligado ao ser original. Júlio França (2009) analisa o Duplo e reforça a ideia que, logicamente, há uma dependência essencial entre o duplo e o duplicado, e que a manifestação do Duplo está relacionada com os

“desdobramentos das imagens do eu”, podendo revelar para o eu original aspectos ocultos benéficos de sua própria personalidade e caráter. Em outros casos pode revelar um mal, uma doença, atos sombrios, gerando desta forma o horror.

Há ainda os duplos endógeno e exógeno, onde Fernandez-Bravo (2000) defende que o Duplo endógeno é caracterizado por um indivíduo que se divide em dois ou por dois indivíduos diferentes que habitam um só corpo. Ao exemplificar, a pesquisadora argumenta:

Os conflitos representados são os de uma alma à procura de si mesma. O mito do duplo torna-se aqui a metáfora ou o símbolo de uma busca de identidade que leva ao interior – mesmo se, na cena exterior, no mundo, o original tem pela frente um duplo objetivo. Passamos do exterior para o interior. O conflito essencial transfere-se para a luta por um melhor eu na escolha entre o bem e o mal (FERNANDEZ-BRAVO, 2000, p. 269).

Cunha (2009), no E-Dicionário de Termos Literários, administrado por Carlos Ceia, defende que:

O DUPLO enquanto extensão do sujeito (DUPLO endógeno) e seu perfeito desdobramento, partilha com esses traços evidentes que exaltam esse seu estatuto de “sombra”. Estabelece-se entre ambos uma relação de harmonia e cumplicidade. O inverso também é possível, se o DUPLO gerado a partir de um sujeito permanece enquanto seu contraste, confirmando-se uma relação bilateral de adversidade e oposição⁸.

Assim, o Duplo endógeno ou homogêneo, é um desdobramento interno, uma dialética interna do ser, que pode o levar a um fim trágico. Para Fernandez-Bravo (2000, p. 270), “o desdobramento (duplicação) conduz à loucura e à morte. Esse desdobramento da consciência não permite coincidir consigo próprio, uma vez que a consciência - por só ser possível com e por esta cisão - nos impede o acesso à realidade substancial”.

Já o Duplo exógeno, segundo Cunha (2009):

(...) é também possível que o DUPLO se configure como uma entidade que se formou algures, extrinsecamente a esse “eu”. O DUPLO pode ser mais do que uma parte integrante do “eu” e pode originar-se diferentemente sem que tenha de surgir necessariamente da sua interioridade. É possível alguém vir a reconhecer em outrém o seu DUPLO. Esse reconhecimento em que dois “eu(s)” se entendem análogos e partilhando uma identificação anímica, estabelece igualmente o aparecimento do DUPLO (duplo exógeno), desta vez, aplicado a cada um deles⁹.

Para Francisco Alves (2010, p. 42), “as características do duplo heterogêneo ou exógeno, marcadas pelo surgimento de outro ser externo que surge de uma vontade interior do original, em se identificar com outra identidade diferente da sua”. Sendo assim, um duplo

⁸ Disponível em <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/duplo>. Acesso em: 7 nov. 2022.

⁹ Disponível em <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/duplo>. Acesso em: 7 nov. 2022.

personificado, ainda conectado ao seu oriundo, podendo significar uma identidade desdobrada que não consegue alcançar uma harmonia em um só ser.

2 A ANÁLISE COMPARADA

A literatura comparada abrange diversas áreas e não pode ser traduzida apenas como um sinônimo de “comparação”, além de que a comparação não possui um método específico, “mas um procedimento mental que favorece a generalização ou a diferenciação” (CARVALHAL, 2006, p. 6). Em suma, a comparação é um meio, não um fim.

A literatura comparada *compara* não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe (CARVALHAL, 2006, p. 7).

A literatura comparada é o estudo da literatura além das fronteiras de um país específico e o estudo das relações entre, por um lado, a literatura, e, por outro, diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como as artes (pintura, escultura, arquitetura, música), a filosofia, a história, as ciências sociais (política, economia, sociologia) as ciências, religião etc. Em suma, é a comparação de uma literatura com outra ou outras e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana (REMAK, 1994, p. 175).

A literatura comparada analisa desde a cultura até o contexto histórico de um texto e o autor, dependendo de qual objetivo o pesquisador busca. Carvalhal (2000) relata que comparar é um processo que inclui-se na estrutura de pensamento do homem e da cultura. Essa modalidade de estudo é definida por Brunel, Pichois e Rousseau (1990):

A literatura comparada é a arte metódica, pela pesquisa de vínculos de analogia, de parentesco e de influência, de aproximar a literatura dos outros domínios da expressão ou do conhecimento, ou, para sermos mais precisos, de aproximar os fatos e os textos literários entre si, distantes ou não no tempo e no espaço, com a condição de que pertençam a várias línguas ou a várias culturas, façam parte de uma mesma tradição, a fim de melhor descrevê-los, compreendê-los e apreciá-los (p. 140).

Assim, essa definição se preocupa apenas com as semelhanças, descartando analisar as diferenças que podem ser encontradas, e consoante a Carvalhal (2006), isso faz com que o comparativista perca de vista a singularidade de cada autor ou do texto, fazendo, então, uma comparação apenas de um aspecto: a similaridade. Antônio Prieto, no prefácio feito à obra de Weisstein (1973), defende que “tão próprio da literatura comparada é a busca de afinidades como o estudo daqueles contrastes que, comparativamente, servem de forma esclarecedora para caracterizar uma literatura ou um autor” (p. 20). A definição sobre os métodos de como usar a

comparação literária é diversa e utilizada em vários campos, como a tematologia¹⁰ e os estudos de tradução. Em conformidade com Nitrini (2000):

O trabalho comparatista não se deve limitar a relacionar textos, uma vez que a vida do autor constitui um fator importante na gênese da obra. A revelação e a difusão de ideias e sentimentos podem, às vezes, partir de um fato histórico ou social. A cronologia é importante na medida em que situa devidamente as aproximações, eliminando-as se forem falsas (p. 32).

Desta forma, além de comparar as obras dos autores, será analisada a vida de ambos, para averiguar quais semelhanças e diferenças, e de que forma isso afeta na escrita deles sobre o tema escolhido, como cada um aborda o Duplo, suas diferenças e semelhanças. Para isso, a literatura pode ser comparada com várias artes e componentes curriculares, como aponta Figueiredo e Faedrich (2006):

Não é raro depararmos com intensos diálogos entre literatura e psicologia; literatura e filosofia; literatura e matemática; literatura e história; literatura e sociologia; literatura e política; entre outros. Podemos dizer que a Literatura Comparada é a disciplina que estimula essas relações e aproximações (p. 21).

Diante disso, fora usado teorias da psicologia para a análise, já que o Duplo se faz presente nas análises psicológicas de vários estudiosos, como Freud, por exemplo, “os estudos interdisciplinares em literatura comparada instigam uma ampliação dos campos de pesquisa e à aquisição de competências” (CARVALHAL, 2006, p. 74). Para a análise comparativa, “o comparativista terá de aprofundar-se em mais de uma área, ou seja, em todas aquelas que vai relacionar, dominando terminologias específicas e movimentando-se num noutro terreno com igual eficácia” (CUPERS, 1988, p. 83). Em conformidade com Carvalhal (2006):

(...) a literatura comparada ambiciona um alcance ainda maior, que é o de contribuir para a elucidação de questões literárias que exijam perspectivas amplas. Assim, a investigação de um mesmo problema em diferentes contextos literários permite que se ampliem os horizontes do conhecimento estético ao mesmo tempo que, pela análise contrastiva, favorece a visão crítica das literaturas nacionais (p. 86).

Isto posto, mesmo um tema já comparado em uma perspectiva, ainda há uma ampla área para a pesquisa, como citado anteriormente, a literatura comparada não deve limitar-se ao texto, deve-se levar em consideração todo o contexto daquela analisada. Neste trabalho, os autores

¹⁰ Área disciplinar mais antiga da Literatura Comparada, concerne a identificação de motivos transversais à literatura.

comparados já foram analisados em diversas perspectivas, e, ainda assim, há espaços inexplorados, devido a vasta bibliografia e temas abordados em seus escritos.

2.1 Sobre os autores: Edgar Allan Poe e Stephen King

Edgar Allan Poe e Stephen King nasceram em séculos diferentes, porém ambos norte-americanos e conhecidos mundialmente por seus livros de terror e suspense. Os dois não possuíam dinheiro quando jovens e passaram dificuldades, entretanto King teve mais sorte e teve o reconhecimento monetário da sua literatura em vida, dessa forma podendo usufruir de uma vida sem preocupações financeiras, diferentemente de Poe, que teve esse desassossego até a sua morte.

Tanto um quanto o outro não tinham uma relação boa com o pai. King, na verdade, não tinha relação alguma, já que seu pai fora embora e o deixou apenas com sua mãe e seu irmão quando ele ainda era criança. Poe fora deserdado por seu pai adotivo por jogar jogos de apostas, coisa que ele tinha muito ressentimento, mais pelo lado financeiro do que sentimental, já que quando o pai falecera, Poe não herdou nenhum de seus bens, como é relatado no livro “Poe: a vida brilhante e sombria de um gênio” (2013), de Sierra i Fabra.

King desde jovem fora influenciado pelas narrativas de Poe, como é exposto no livro “Stephen King, a biografia”, onde aos quatorze anos de idade, King escreveu dezesseis páginas sobre o filme “A Mansão do Terror”, baseado no conto “O Poço e o Pêndulo”, de Poe, e vendeu cópias para seus colegas na escola por vinte e cinco centavos¹¹.

Os dois sofreram com seus vícios, como o álcool e as drogas, e alguns estudiosos acreditam que o álcool fora o causador da morte de Poe, mesmo sendo uma informação incerta, como aponta Sierra i Fabra (2013):

Não se sabe o que aconteceu com Edgar Allan Poe nos dias anteriores a 3 de outubro de 1849. Ele pegou um barco na Filadélfia e navegou durante um dia e meio pela baía de Chesapeake até Baltimore, de onde planejava tomar um trem que o deixaria em Nova York. Mas Baltimore foi sua última parada. Morreu sozinho, depois de quatro dias delirando, sem Maria Clemm ou alguma de suas mulheres recentes, amando a sua Annie e disposto a se casar com aquela que tinha sido sua primeira namorada (p. 125).

¹¹ King fora suspenso da escola por isso.

Felizmente, King resistiu aos vícios e atualmente não é mais dependente. Esses vícios nunca interferiram nas produções de Stephen King, tanto na quantidade quanto na qualidade. Todavia, “ele lamentou não conseguir lembrar-se de ter escrito alguns livros, como *Cujo* (Cão Raivoso)” (ROGAK, 2013, p. 6). O livro que será analisado neste trabalho foi escrito na época anterior de King ficar sóbrio, sendo o único romance completo publicado no ano de 1988, como narra Rogak (2013):

*A Metade Negra*¹² foi o último romance escrito por King antes de ficar totalmente limpo, e, talvez não por coincidência, a trama gira em torno da dupla personalidade de um homem. ‘Comecei a jogar com a ideia de múltiplas personalidades, então li que às vezes um gêmeo acaba absorvido pelo outro de modo imperfeito quando estão no ventre’, explicou. ‘Eu pensei: Peraí. E se esse cara for o fantasma de um gêmeo que nunca existiu? Construí o livro inteiro em torno daquela coluna vertebral (2013, p. 184-185).

Ao ser questionado sobre ficar estereotipado como um autor de histórias de terror, King respondeu: “Como Edgar Allan Poe e Mary Shelley? Eu não ligava. Eles realmente me classificaram como escritor de terror, mas consegui fazer todo tipo de coisa dentro desse enquadramento” (ROGAK, 2013, p. 88).

Construir a narrativa com um suspense constante, explorando o lado sombrio da natureza humana é algo que King faz regularmente, e esse tipo de narrativa é uma das reminiscências da influência das obras de Poe. Ambos escreveram novelas, contos, romances e ficção, mas é importante destacar que Poe escreveu obras longas e curtas de poesia. Os autores são populares em suas respectivas épocas, Poe publicando seus contos nas revistas – por centavos – e King publicando seus exemplares em grandes editoras. Em comum, há o fato de abordarem etapas das suas vidas como inspiração para seus escritos, sendo esse mais um fator que os aproxima, de modo mais geral, como escritores e seu modo de escrever.

2.2 Sobre as obras

“William Wilson” foi primeiramente publicado em outubro de 1839 na *Burton's Gentleman's Magazine* e posteriormente publicado junto à coletânea “Novas Histórias

¹² Título traduzido como “A Metade Negra” pela Editora Francisco Alves, 1991.

Extraordinárias” em 1840. Foi o primeiro conto de Poe a ser traduzido para uma língua estrangeira, o francês, no jornal *La Quotidienne* em dezembro de 1845.

O conto pode ser considerado como um influxo autobiográfico, já que a maior inspiração para este conto veio da fase em que Poe morou na Inglaterra quando criança. A escola do conto é embasada na *Manor House School*, escola em que Poe estudou no período de 1817 a 1820. O nome do diretor fictício, Reverendo Bransby, é baseado no diretor da escola de Poe. Quinn (1997) acredita que nesse conto Poe quis pôr sua frustração pelo tempo que passou no internato, seus vícios, sua deserção sofrida pelo pai no papel e fazendo com que o duplo da narrativa representasse sua consciência.

Assim como Poe, Stephen King se inspirou em sua própria vida para escrever o romance “A Metade Sombria”. No final da década de 70, King publicou algumas histórias sob o pseudônimo de Richard Bachman. King sempre negara qualquer ligação com os livros de Bachman, até que um livreiro chamado Steve Brown, em 1985, desvendou o mistério ao descobrir na Biblioteca do Congresso norte-americano documentos que vinculavam os direitos autorais de Richard Bachman a Stephen King.

A frustração do fim de seu pseudônimo foi a maior inspiração para a origem de “A Metade Sombria”, publicado originalmente em 1989. Na edição deste exemplar da editora Suma de Letras, no fim há um capítulo escrito por King em que ele explica “a importância de ser Bachman”, onde ele diz que escrever como Bachman era como um abrigo, alguém para publicar alguns trabalhos que ele achava que os leitores gostariam de ler, e como esse pseudônimo foi crescendo e criando vida própria, como acontece com qualquer criatura da imaginação de um escritor.

Sendo assim, é possível notar que a vida pessoal de ambos os autores influencia fortemente nos seus escritos, colocando aspectos específicos em suas obras, inspirando com episódios de suas respectivas vidas para escrevê-los. Em relação ao Duplo isso se repete, cada um escrevendo como se enxergam, de uma certa maneira escrevendo sobre si próprios.

E além da revelação de King como Bachman supracitado, Poe, do mesmo modo, escreveu sobre si, propositalmente ou não, como afirma Rank: “O conto ‘William Wilson’ é considerado por muitos como a autoconfiança de Poe, na qual ele descreve uma pessoa que, devido ao jogo e ao vício da bebida, decai cada vez mais para, por fim, destruir seu duplo bom” (2014, p. 67). Isto posto, ao conhecer a vida dos escritores, é nítida a importância de acontecimentos na vida pessoal de ambos.

2.3 O Duplo em “A Metade Sombria” e “William Wilson”

O primeiro fator diferencial entre os Duplos nas narrativas analisadas é que o *doppelgänger* em “A Metade Sombria” (KING, 2019) é puramente mau, é violento, é a “parte ruim” do seu criador, já em “William Wilson” (POE, 2011) o duplo é a parte “boa” do seu criador, o que sempre aparece tentando fazer o bem nas situações. Ressaltando que ambos são aquilo que o Duplo geralmente é: o oposto do seu ser originário.

Outro fator que diferencia como os Duplos são retratados nas obras é que em “A Metade Sombria” (KING, 2019) o Duplo é uma imagem invertida do protagonista, mas na forma de um gêmeo personificado¹³. De acordo com Rosset (2008), “a simetria é ela própria conforme a imagem do espelho: oferece não a coisa mas o seu outro, seu inverso, seu contrário, sua projeção segundo tal eixo ou tal plano” (p. 91). Nessa obra, o Duplo não se parece fisicamente com o seu criador, mas possui semelhanças no jeito de agir e possui, ainda, a mesma digital.

Já em “William Wilson” (POE, 2011), o Duplo do protagonista é uma cópia, um reflexo¹⁴, semelhante fisicamente a seu originário, possui o mesmo nome, a mesma altura, e sempre contradiz seu ser original, que é uma das características do Duplo, como cita França (2009): “a coexistência entre o ser e o seu duplo não costuma ser pacífica” (p. 4). Essa cópia surge ainda na época escolar do protagonista, e o persegue até que, enfim, é morto pelo seu criador.

O protagonista de King conseguia sentir o seu Duplo, tinha visões que não eram dele, e sim de seu gêmeo, por vezes sendo até **possuído** pelo seu Duplo, ou vice-versa, **dominando** o seu *doppelgänger*, encontrados nos trechos: “ – vou pegar o bonde pro norte, meu chapa – ele se ouviu dizendo com voz grave e gutural, *uma voz que não era dele*” (KING, 2019, p. 114, grifos nossos) e; “Escrevi porque ele estava *lá*, então *eu* estava lá, parte de mim estava, *parte de mim estava vendo com os olhos dele...*” (KING, 2019, p. 175-176, grifos nossos).

Essa ligação em “A Metade Sombria” (KING, 2019) do protagonista com seu *doppelgänger* é mais forte em comparação com o Duplo em “William Wilson” (POE, 2011), no que concerne poder sentir a conexão com seu gêmeo, poder possuí-lo. Em “William Wilson” (POE, 2011) essa conexão de forma mais palpável não é encontrada, pois o leitor não tem certeza se o duplo do original realmente existe, o que acontece em “A Metade Sombria” (KING,

¹³ Duplo exógeno.

¹⁴ Duplo endógeno.

2019), pois outros personagens da narrativa sabem que o duplo é real, o veem e conversam com ele, reconhecem o potencial que esse *doppelgänger* tem, um fator que citaremos a seguir, sendo mais um elemento diferencial sobre o Duplo nas duas narrativas.

Em “William Wilson” (POE, 2011), os colegas de classe do protagonista não percebem o gêmeo dele como seu inimigo, ou mesmo alguma ligação com ele, como é exposto no trecho do conto: “Todavia essa superioridade, ou igualdade, não era na verdade conhecida de ninguém, senão de mim mesmo; nossos companheiros, graças talvez a alguma cegueira inexplicável, nem mesmo pareciam suspeitar disso” (POE, 2011, p. 5). A cegueira pode indicar que o único que vê o seu Duplo é o William Wilson “original”.

Já em “A Metade Sombria” (KING, 2019) esse fato é conhecido pelas outras personagens, e, ainda, é conhecido o fato do antagonista ser o Duplo do herói, como pode-se observar na passagem onde o xerife Pangborn explica: “Ele é dois homens, SEMPRE foi dois homens. É o que qualquer pessoa que ganha a vida com o faz de conta precisa ser. O que existe no mundo normal... e o que cria mundos. Eles são dois. Sempre dois, pelo menos” (KING, 2019, p. 436).

Há ainda a questão sobre o nome das personagens e seus duplos, no romance de King o duplo possui um nome diferente do duplicado, porém inventado pelo último. No conto de Poe o nome fora igualmente inventado pelo ser originário, todavia não é o nome verdadeiro dos personagens, para o narrador, seu nome é uma vergonha e não deve ser mencionado, Mota (2011) acredita que isso ocorre pelo fato que William Wilson não vive mais, como pode-se ler no início do conto:

Esse nome já foi por demais objeto de desprezo, de horror, de abominação para minha família. Não terão os ventos indignados divulgado a incomparável infâmia dele até as mais longínquas regiões do globo? Oh, o mais abandonado de todos os proscritos! Não terás morrido para o mundo eternamente? (POE, 2011, p. 2).

Para dar um “fim” nos seus Duplos, os protagonistas devem matá-los, e de uma certa forma matando uma parte de si junto. Vale acentuar que essa característica da estética do duplo acontece em outros clássicos da literatura que abordam o uso do *doppelgänger*, como em “O Retrato de Dorian Gray” (1890), de Oscar Wilde, assim como em “O Médico e o Monstro” (1886), de Robert Louis Stevenson, o duplo é eliminado. Em “William Wilson” (POE, 2011) é possível analisar da forma de Rosset (2008): “O pior erro, para quem é perseguido por aquele que julga ser seu duplo, mas que é, na realidade, o original que ele próprio duplica, seria tentar

matar o seu ‘duplo’. Matando-o, matará ele próprio, ou melhor, aquele que ele desesperadamente tentava ser” (p. 89).

Essa citação pode ser reforçada pela citação de Hooda (2019), onde a autora afirma que “na maioria dessas histórias, assim que o Duplo é morto sua contraparte também morre, significando que os eus divididos são inseparáveis mesmo sendo opostos e contraditórios¹⁵” (p. 36). Como Hooda afirma, a maioria dessas histórias acontece esse tipo de fim, entretanto o fim do ser original de “A Metade Sombria” (KING, 2019) não morre com seu *doppelgänger*, dando a entender que o Duplo abordado neste romance é, como já supracitado, o “gêmeo”, já o Duplo de “William Wilson” (POE, 2011) é apresentado como um espelho, um reflexo da consciência.

Depois de perceber as diferenças em que os autores produziram o Duplo em seus escritos, pode-se perceber semelhanças entre eles, como já supracitado, o *doppelgänger* é o oposto de seu ser original, sendo bom ou mau, mas sempre o inverso. Outro fator perceptível encontrado em ambos é a angústia dos protagonistas ao se depararem com seus Duplos e como lidar com eles, já que a coexistência entre eles sempre gera desavenças.

Outra semelhança sobre o Duplo nas narrativas é a diferença e/ou identificação pela voz dos *doppelgängers*. Na narrativa de Poe, a voz da cópia não era mais alta que um sussurro, Deves (2020) sugere que talvez, para não ser possível identificar se a voz era parecida com a do original. No romance de King igualmente encontra-se a questão da voz, a priori a voz do Duplo é diferente do original, todavia depois de uma análise mais sofisticada pela polícia, indica que a impressão vocal é a mesma, mostrando que cada um tem uma identificação pela voz.

Um ponto importante a ser salientado é que em “A Metade Sombria” (2019), King cita o conto “William Wilson” diretamente após o protagonista – Thad Beaumont – sonhar com seu duplo – George Stark – no começo da história: “*Vou chamar de meu complexo de William Wilson*, pensou ele, adormecendo novamente” (KING, 2019, p. 157). Aqui percebe-se uma inspiração direta de Poe no seu romance, sendo “William Wilson” um dos contos famosos de Poe, que fez uso do Duplo, fazendo uma referência direta, do próprio protagonista, sobre possuir um *doppelgänger*. De acordo com Carvalhal (2006, p. 54), “A verdade é que a repetição, quando acontece, sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo?) o reinventa”.

¹⁵ Tradução livre da autora. No original: “*In most of these stories as soon as the Double is killed its counterpart dies also signifying the divided selves that are inseparable even after being opposite and contradictory*”.

Assim, pode-se perceber que ambos abordaram o Duplo de formas diferentes, mas com certas semelhanças. O Duplo de Poe sendo um reflexo da sua consciência, endógeno, onde, no fim do conto, depois de matar sua duplicata, William Wilson percebe ver um espelho:

Um grande espelho – assim a princípio me pareceu na confusão em que me achava – erguia-se agora ali, onde nada fora visto antes, e como eu caminhasse para ele, no auge do terror, minha própria imagem, mas com as feições lívidas e manchadas de sangue, adiantava-se ao meu encontro, com um andar fraco e cambaleante (POE, 2011, p. 14).

E o Duplo de King sendo um gêmeo, algo mais palpável, exógeno, que conectava-se ao seu original, que outros personagens reconheciam ser o Duplo do protagonista, o antagonista, uma imagem invertida, e que sua morte não o levou junto, fazendo essa distinção de um *doppelgänger* realmente personificado, e não só da mente do seu ser original.

3 O DUPLO COMO GÊMEO E COMO REFLEXO DA CONSCIÊNCIA

O tema do duplo, como já discorrido, é perpassado há anos no âmbito histórico e cultural da sociedade, compartilhado no contexto social vivido que se alonga até a contemporaneidade, pois o ser humano ainda duvida se ele mesmo é duplo, seja de corpo e alma, consciência e inconsciência, o oposto, aquilo que o indivíduo almeja ser, porém não consegue realizar. Segundo Dolezel (1999, p. 172), “a verdadeira essência do duplo só pode ser portada pelos duplos simultâneos. Só a confrontação cara a cara entre duas incorporações do mesmo indivíduo pode explorar todo o seu potencial semântico, emotivo e estético”. Aqui, discorreremos o duplo como gêmeo e como reflexo da consciência para aprofundar na análise das duas perspectivas narrativas.

Thad Beaumont é um escritor e professor universitário que decide matar – de modo figurado – seu pseudônimo, George Stark, o grande nome de sucesso estrondoso por livros de ação, *thrillers* que gravam todo o dinheiro com que Beaumont sustentava sua família: sua esposa e seus filhos gêmeos. Thad decidiu parar de escrever sob o pseudônimo de George quando é descoberto por um jornalista, fazendo Thad sentenciar a “morte” de Stark, publicando uma matéria em uma revista, onde enterrava seu pseudônimo de vez.

Até que vários assassinatos começam a acontecer e todas as pistas levam a Thad. Ele se diz inocente, até sentir uma ligação forte com seu *doppelgänger* e descobrir que ele está, de fato, vivo e cometendo todos esses crimes tal qual escrevia em seus *best-sellers* violentos. Thad então enfrenta seu Duplo, que não era parecido consigo fisicamente, mas tinha a mesma voz e impressão digital, mesmos costumes e conseguia ler seus pensamentos.

Stark vai apodrecendo ao decorrer do tempo e o seu único modo de continuar vivo é se Thad escrever junto com ele o seu próximo livro, já que, ironicamente, Stark não sabe escrever sem Thad. Entretanto, Thad descobre uma forma de matar – de modo literal – Stark, fazendo com que seu gêmeo vá embora de vez.

No começo da trama é relatado que Thad tinha um irmão gêmeo, todavia ele o absorveu no útero, mas não totalmente, e por isso, quando criança, sofria fortes dores de cabeça e epilepsia, ao ponto de fazer uma cirurgia para a cura. Na cirurgia foi descoberto que o gêmeo de Thad não tinha sido totalmente absorvido e fora se desenvolvendo dentro – mais especificamente no cérebro – de Thad, sendo esse o motivo de suas dores de cabeça e de um terceiro olho na testa.

Assim, a própria narrativa leva o leitor a acreditar que Stark é, desde sempre, o gêmeo de Thad, como exposto no breve resumo do romance acima. King faz o leitor ter essa percepção pré-estabelecida desde o começo da narrativa, assim ele consegue criar uma confusão quando Stark “vive”, separando-se do seu eu original, mas ainda mantendo conexão com Thad.

Partindo do pressuposto que gêmeos são pessoas diferentes, King estabelece uma conexão muito maior, mais psicológica, entre seus personagens, onde se conectam por sonhos¹⁶, ouvem os pensamentos do outro, conseguem ver pelos olhos do seu par, fazendo com que os leitores entendam que aquele não é um gêmeo comum, mesmo para o padrão de um duplo. Quando o xerife questiona Thad e Liz – esposa de Thad – sobre as mortes e como sabem a descrição física do assassino, eles contam sobre o pseudônimo de Thad e sua teoria, mas Thad exalta que no íntimo ele sabe que é Stark o causador de todas as mortes, como pode-se perceber no trecho “ – Além do mais – concluiu Thad –, eu *sei* que é Stark. Aqui. – Ele fechou a mão e bateu de leve no peito” (KING, 2019, p. 229).

No decorrer da história, King deixa perceptível as diferenças e semelhanças dos personagens, uma das diferenças sendo que Thad escreve seus livros na máquina de escrever e todas as vezes em que ele escrevia como seu pseudônimo, escrevia seus exemplares com lápis *Berol Black Beauty*. Então, na passagem a seguir é possível ter a plena certeza que o Duplo de Thad é um gêmeo, revelado pelo próprio protagonista ao receber uma ligação telefônica de Stark:

[...] os dois estavam conectados pelo mesmo laço invisível e inegável que conectava gêmeos. Eles *eram* gêmeos, metades que se completavam, e Thad ficou apavorado de se ver saindo do corpo, percorrendo a linha telefônica, não até Nova York, não, mas até metade do caminho; encontrando-se com o monstro no centro desse cordão umbilical, no oeste de Massachusetts, talvez, dos dois se encontrando e se mesclando de novo, como tinham se encontrado e se mesclado cada vez que ele cobria a máquina de escrever e pegava um dos malditos lápis *Berol Black Beauty* (KING, 2019, p. 248-249).

Stark era seu gêmeo, um gêmeo que nunca existiu fora do corpo de Thad, mas que sempre esteve presente nele, como é relatado no trecho da entrevista de Liz sobre a “morte” do pseudônimo: “George Stark estava lá o tempo todo. Eu já tinha visto sinais dele em alguns

¹⁶ O enredo é similar ao filme “Maligno” (2021), dirigido por James Wan, conta a história de uma mulher, Madison, que passa a ter sonhos de pessoas sendo assassinadas. Ela acaba descobrindo que os sonhos são, na realidade, visões dos crimes em tempo real. Ao decorrer do filme, ela nota que os crimes estão conectados a uma entidade do seu passado. Madison precisa investigar de onde essa entidade surgiu para poder exterminá-lo.

trabalhos que Thad deixava inacabados de tempos em tempos. Foi só questão de fazer com que saísse do armário” (KING, 2019, p. 31).

Em consonância com Azevedo (2006, p. 1), “as primeiras ideias do duplo relacionam-se intimamente com o problema da morte e com o desejo de o indivíduo permanecer vivo frente à destruição que representa o fim da vida”, sendo este o fator que acarreta o “nascimento” no mundo físico do *doppelgänger* do protagonista, que quer lutar para não ser morto, como pode-se perceber no fragmento em que Thad explica, quando questionado, o que Stark quer: “Ele quer a mesma coisa que eu e você iríamos querer no lugar dele. Quer não estar mais morto. Só isso. Não estar mais morto. Sou o único capaz de fazer isso acontecer. E, se eu não puder ou não quiser... bom... ele pode pelo menos levar algumas pessoas junto” (KING, 2019, p. 242).

Rank (2014) discorre que o Duplo possui uma especificidade de inibir a morte daquele por ele representado, algo que King resolveu renovar, já que em seu romance o duplo não quer inibir a morte do seu eu originário, mas sim trocar de lugar com ele, não necessariamente assumindo a vida do seu proveniente, mas sim para poder viver. O duplo se personificou, sem o protagonista saber como e mesmo King não deu tanto detalhes assim para essa explicação, deixando a cargo do leitor criar teorias de como o *doppelgänger* possa ter se separado.

Um aspecto que reforça que o duplo do protagonista é um gêmeo, é um fragmento em que Stark, mesmo com o rosto desfigurado, os filhos – Wendy e William – de Thad não o estranham, mesmo nunca tendo o visto, interagem com ele como se o reconhecessem, como pode-se analisar no trecho a seguir:

Wendy parecia estar totalmente calma. Ela olhou para o rosto de Stark e o observou com atenção, os olhos cinzentos e tranquilos nos azuis de Stark. Com a pele caída no meio, os olhos dele pareciam prestes a desabar a qualquer momento e ficar pendurados nas bochechas.

E Wendy deu um tchauzinho

Mão aberta; mão fechada; mão aberta.

Um tchauzinho típico de Wendy.

Liz sentiu movimentos nos braços, olhou e viu que William estava olhando para George Stark com o mesmo olhar absorto, cinzento-azul. Ele estava sorrindo.

William abriu a mão; fechou; abriu.

Um tchauzinho típico de William (KING, 2019, p. 403-404).

Neste fragmento é possível notar que há uma certa semelhança entre o duplo e o duplicado, já que os próprios filhos do protagonista não sentem medo ou estranham a figura do

duplo, mesmo que ele não seja parecido fisicamente com o seu ser originário, dando a entender que mesmo os gestos são parecidos e que os bebês o reconhecem como o próprio pai ou alguém similar a ele.

Assim, o Duplo de “A Metade Sombria” (KING, 2019) pode ser caracterizado como gêmeo, pois o romance de King já dá pistas sobre o protagonista ter tido um irmão gêmeo de fato, da conexão entre eles, dos próprios personagens terem a certeza de que eles eram uma só pessoa, mas o duplo se fazendo presente desde o início, sendo a personificação do Duplo o “nascimento” da cópia no mundo real, em consonância com Fernandez-Bravo (2000, p. 264), “nas lendas heroicas, o herói gêmeo é aquele que conseguiu tornar visível no mundo seu duplo. Assim sendo, o gêmeo, é, na literatura, a primeira forma do duplo”, assim, com todos em volta o reconhecendo como alguém que surgiu a partir do herói.

Já o Duplo de “William Wilson” (POE, 2011) é como um reflexo, algo ambíguo, uma problematização do “eu”, um duplo endógeno. Poe, diferentemente de King, não assume ou dá dicas sobre o *doppelgänger* existir enquanto personagem na trama, deixando o leitor decidir se o “outro” é um personagem ou a consciência do ser originário. Em alguns fragmentos, o narrador sugere que tudo pode ser fruto de sua mente: “Não teria eu, na verdade, vivido em sonho? E não estarei agora morrendo vítima do horror e do mistério da mais estranha de todas as visões humanas?” (POE, 2011, p. 2).

Fernandez-Bravo (2000) desenvolve sobre esse tipo de desdobramento literário: “O antagonismo entre o ser de desejo e o eu social, ou seja, a imagem de um eu ajustado que se exige daquele que persegue certas ambições na sociedade, é o tema de três variações sobre o duplo que têm como trágico desfecho a destruição do eu, na loucura ou na morte” (p. 276).

William Wilson – homônimo escolhido pelo narrador – é um homem que na sua infância estudou em um colégio interno, dirigido pelo reverendo Bransby. Enquanto esteve no internato, o protagonista conhece outro menino, que possui a mesma fisionomia, altura, idade e até mesmo o nome. Entretanto, esse outro garoto tinha uma diferença em relação a ele: o tom de voz, que era baixo e por vezes não passava de um sussurro. Ele atrapalha os planos maquiavélicos de William Wilson, sempre entrando na cena para desmascarar as atitudes erradas que o protagonista tenta fazer. Esse sócio o acompanha mesmo depois de anos, convivendo com ele até a fase adulta.

Toda vez que seu inimigo expunha a verdade de suas falcatruas, sumia do mesmo jeito que aparecia para encontrar-lhe, como em um passe de mágica, feito apenas para acabar com

seu planejamento. No decorrer do conto, Wilson se pergunta quem seria essa pessoa que sempre o segue e o desmascara, onde vive, como aparece e some sem deixar rastros. E ao fim, após ter encontrado seu duplo mais uma vez, acaba matando-o, e, conseqüentemente, suicidando-se, vendo um espelho no local onde antes pensava que era seu antagonista, ouvindo as últimas palavras de seu adversário, não mais em sussurros, pois era ele próprio.

Como citado no capítulo anterior, os amigos do “eu” originário não percebem a existência do sósia que o personagem principal tem desavença, ao relatar que o seu “xará” queria competir com ele, mas comunica que tinha medo do duplo, como percebemos na passagem: “no íntimo, sentia medo dele e não podia deixar de considerar a igualdade que ele mantinha tão facilmente comigo como uma prova de sua verdadeira superioridade” (POE, 2011, p. 5).

Consoante a Cecilia (2011, p. 35), “O que o sujeito não aceita para si mesmo, o encontra na figura hostil e ao mesmo tempo familiar de um duplo. Ante ele pode reagir percebendo no outro como em um espelho ou negando-se a identificar-se com seus desejos”, o que é um agente do Duplo de William Wilson:

Poderia supor-se que, em sua rivalidade, ele atuava somente por um desejo estranho de contradizer-me, espantar-me, mortificar-me, embora ocasiões houvesse em que eu não podia deixar de observar com uma sensação composta de maravilha, rebaixamento e irritação que ele misturava a suas injúrias, seus insultos ou suas contradições certa afetividade de maneira muito imprópria e seguramente muito desagradável (POE, 2011, p. 5).

Observa-se que, para o duplicado, o seu duplo queria ser seu rival, seu antagonista. Em conformidade com Cecilia (2011, p. 26), “O personagem confrontado a seu próprio duplo vive uma enigmática experiência de fragmentação, cisão ou desdobramento de sua identidade em duas instâncias contrapostas”, observada no trecho em que o protagonista discorre sobre a imitação que seu duplo começara a fazer dele:

Sua réplica, que era perfeita imitação de mim mesmo, consistia em palavras e gestos, e desempenhava admiravelmente seu papel. Minha roupa era coisa fácil de copiar; meu andar e maneiras foram, sem dificuldade, assimilados e, a despeito de seu defeito constitucional, até mesmo minha voz não lhe escapava. Natural, não alcançava ele meus tons mais elevados, mas o timbre era idêntico e seu sussurro característico tornou-se o verdadeiro eco do meu (POE, 2011, p. 7).

Nota-se que o protagonista sempre põe ênfase no fato de que seu reflexo **sussurra**; aparentemente não é capaz de ter uma voz mais alta. Essa característica pode indicar que o Duplo de William Wilson seja sua consciência, sempre **murmurando** conselhos e tentando se

fazer presente toda vez que o duplicado faz algo de má índole, sendo essa a característica que o originário mais é desgostoso sobre o seu Duplo, como é exposto no excerto:

Já falei, mais de uma vez, do desagradável ar de proteção que ele assumia para comigo e de sua frequente intromissão oficiosa na minha vontade. Essa interferência tomava, muitas vezes, o caráter desagradável dum conselho; não abertamente dado, mas sugerido ou insinuado. Recebia-o com uma repugnância que ganhava forças à medida que eu ganhava idade (POE, 2011, p. 7).

Assim, o Duplo é visto como um perseguidor por possuir qualidades que são exigidas para uma vida socialmente aceita, à medida que o originário se sente marginalizado pelo seu desdobramento. Fernandez-Bravo (2000) discorre que baseando-se na psicologia junguiana, o Duplo é caracterizado como “uma parte não apreendida pela imagem de si que tem o eu, ou por ela excluída: daí seu caráter de proximidade e de antagonismo. Trata-se das duas faces complementares do mesmo ser” (p. 263). Entretanto, logo após este fragmento, William Wilson reconhece que se ele tivesse ouvido os conselhos de seu Duplo, seria um homem melhor:

Entretanto, naquela época já tão distante, quero fazer-lhe a simples justiça de reconhecer que não me recordo dum só caso em que as sugestões de meu rival tivessem participado daqueles erros ou loucuras tão comuns na sua idade, ainda carente de maturidade e de experiência; seu senso moral, pelo menos, se não seu talento geral e critério mundano era bem mais agudo que o meu, e eu poderia, hoje, ter sido um homem melhor e, portanto, mais feliz, se não tivesse tão frequentemente rejeitados os conselhos inclusos naqueles significativos sussurros que só me inspiravam, então, ódio cordial e desprezo amargo (POE, 2011, p. 7).

Todavia, isso não impediu ou amenizou o fato do eu original continuar com suas arrogâncias perante aos conselhos dados pelo seu Duplo, como é narrado no texto “afinal me tornei rebelde ao extremo à sua desagradável vigilância e cada dia mais e mais abertamente detestei o que considerava sua insuportável arrogância” (POE, 2011, p. 7). O conto narra episódios de Wilson e a má índole do último, e todas as vezes que seu reflexo chegava para interromper seus atos. Em um desses episódios que, enfim, ocorre o trágico final do protagonista e seu *doppelgänger*. Quando William Wilson, após ser mais uma vez abordado pelo seu sócia, perde a sanidade e leva seu Duplo para uma sala e o assassina, percebe que no lugar de sua cópia, encontra-se um espelho:

Um grande espelho – assim a princípio me pareceu na confusão em que me achava – erguia-se agora ali, onde nada fora visto antes, e como eu caminhasse para ele, no auge do terror, minha própria imagem, mas com as feições lívidas e manchadas de sangue, adiantava-se ao meu encontro, com um andar fraco e cambaleante (POE, 2011, p.14).

Em congruência com Fernandez-Bravo (2000, p. 270), “a consciência humana, com sua capacidade de desdobramento, seu poder de imaginar, torna-se fonte de terror”, assim, o Duplo de William Wilson sempre fora seu reflexo, sua consciência que tentava trazê-lo para uma vida melhor, mas ao negar e repartir-se de sua consciência, o reflexo o levou à loucura, como a passagem no fim do conto descreve:

Era Wilson, mas ele falava, não mais num sussurro, *e eu podia imaginar que era eu próprio quem estava*, enquanto ele dizia:

Venceste e eu me rendo. Contudo, de agora por diante, tu também estás morto... morto para o Mundo, para o Céu e para a Esperança! Em mim tu vivias... e, na minha morte, vê por esta imagem, que é a tua própria imagem, quão completamente assassinaste a ti mesmo! (POE, 2011, p. 14, grifos nossos).

Na parte destacada do trecho citado nota-se a confusão do protagonista em relação ao seu reflexo, sem ter certeza de que era mesmo ele quem estava falando, se era ele próprio que estava ensanguentado, duvidando do que estava acontecendo. Mesmo William Wilson percebe, ao ouvir-se, que ele não ouve mais seu reflexo em um sussurro, e sim pela sua própria voz, indicando que ele teria matado sua consciência de vez, sendo a única vez que ele a ouve com clareza. Suas últimas palavras para si mesmo são de rendição, no entanto bem como revelação, “em mim tu vivias”, pois por mais que o narrador não quisesse ouvir, a consciência sempre esteve lá.

A consciência do protagonista pode ser analisada, ainda, como Sombra, conceito de Carl Gustav Jung (2008), ou seja, elementos reprimidos do inconsciente classificados como um dos principais arquétipos¹⁷ do inconsciente pessoal. Jung refere que tudo aquilo que o indivíduo tem dificuldade em assumir, algo contrário do padrão social que o indivíduo quer possuir, algo oposto que o sujeito gostaria que aparecesse. Naturalmente, ao pensarmos em algo oposto, é comum chegar à conclusão que o contrário sempre é uma característica ruim, o que não acontece no conto de Poe, porém, de acordo com Jung (2008, p. 62), “não é apenas o lado da ‘sombra’ de nossas personalidades que dissimulamos, desprezamos e reprimimos. Podemos fazer o mesmo com nossas qualidades positivas”, que é o que ocorre em “William Wilson” (POE, 2011), onde o Duplo é o “conselheiro” do duplicado e mesmo assim sofre repressão.

O narrador não quer reconhecer sua consciência, sua Sombra. Ainda consoante a Jung (2008, p. 85), “seria bem melhor fazermos um esforço sério para reconhecermos nossa própria

¹⁷ Arquétipos, para Jung (1996), é um conjunto de estruturas inerente e herdadas do inconsciente coletivo, que exercem influências nos nossos comportamentos e nossa experiência para dar sentido à existência.

“sombra” e sua nefasta atividade. Se pudéssemos ver esta “sombra” (o lado escuro e tenebroso da nossa natureza) ficaríamos imunizados contra qualquer infecção e contágio moral e intelectual”. Essa Sombra, para Jung (2008) é o inverso do ego consciente, e apesar da Sombra e do Ego serem separados, são “indissolúvelmente conectados um ao outro quanto o sentimento e o pensamento” (p. 118).

O ego é a consciência alcançada pelo sujeito, que pode ocorrer várias vezes na vida de um indivíduo, desde a infância até a velhice, o ego só se forma quando for libertado da inconsciência e “para que o ego triunfe precisa antes subjugar e assimilar a sombra” (JUNG, 2008, p. 120). Assim, na trama de Poe, o ego não consegue se formar ao todo, pois mesmo depois do protagonista reconhecer que seria um homem melhor caso aceitasse os conselhos de seu Duplo – sua consciência – ainda escolheu ignorar e reprimir sua Sombra. Sendo assim, o Duplo nunca fora inteiramente ouvido, mas sempre esteve presente, levando o eu originário à loucura. Além disso, Camargo (2020) analisou o nome do personagem principal, William Wilson, escolhido por ele mesmo como um pseudônimo, a autora constatou que:

William é um nome inglês cuja origem é germânica. Derivado de *Willahelm*, seu significado resulta da união de *will*, que significa ‘desejo’ ou ‘vontade’, e *helm*, que significa ‘proteção’. O nome Wilson, de origem inglesa, ‘é a junção de *Will* (diminutivo de William que corresponde a Guilherme, em português) e da palavra *son*, que quer dizer ‘filho’, da qual resulta ‘filho de William’. Interessante notar que o nome do personagem principal, Wilson, já carrega uma condição de duplicidade: ele é *Will* – diminutivo de William, e, também, filho de *Will – son* (CAMARGO, 2020, p. 75).

Poe consegue, desde o título, retratar a duplicidade de seu conto, consegue segurar a dúvida do leitor até o final da narrativa, onde, então, é revelado quem o Duplo simboliza: o seu reflexo, sua consciência, ele mesmo. Aquele que o protagonista deveria se portar, alguém com um maior julgamento moral, mais adequado para sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs, como objetivo geral, uma atualização sobre o debate acerca do Duplo na literatura, assim como atualizar estudos comparatistas sobre Edgar Allan Poe e Stephen King. Para isto, utilizou-se de pesquisa bibliográfica para alcançar o objetivo proposto, comparando e analisando os autores e, com mais ênfase, o tema do Duplo. O Duplo não pôde ser analisado desconexo dos autores escolhidos pois, segundo Fernandez-Bravo (2000): “Pela poética do duplo, escritores contemporâneos liberam seus heróis, que muitas vezes são duplos deles próprios aprisionados num eu particular, fixado no molde da personalidade” (p. 282).

Sendo assim, fora discorrido sobre a vida e a verossimilhança dos autores com suas respectivas obras, constatando que ambos escritores utilizaram suas próprias vivências como inspirações para cada respectiva trama, King e seu duplo enquanto seu vício em drogas, com “A Metade Sombria” sendo seu último romance antes da sobriedade, mostrando o duplo mau que queria ficar no lugar do “herói”, e Poe e seu duplo enquanto reflexo, sua consciência e os conselhos que ofertava, culminando em ódio até matá-la. Esse fora um dos objetivos específicos, comparar a vida dos autores e analisar onde a escrita deles se convergem.

Outro objetivo específico foi debater a estética do Duplo sob o prisma do reflexo e do gêmeo, já que fora o estilo de Duplo utilizado pelos autores. Esse objetivo fora debatido no terceiro capítulo desta monografia, onde discorremos sobre como cada Duplo se comporta nas narrativas, utilizando alguns trechos trama para exemplificar e teóricos para embasar a análise do tema. Esta análise busca ter ajudado pesquisadores da área do Duplo na literatura, assim como pesquisadores comparatistas dos autores supracitados.

Diante o exposto, é perceptível que ambos os literatos, como supradito, utilizam episódios de suas próprias vidas como uma fonte de inspiração para suas tramas, assim como a influência – ou outra inspiração – de Poe em King, já que o último cita “William Wilson” (POE, 2011) em seu romance, para fazer uma analogia direta sobre o Duplo. Os autores usaram o Duplo de formas diferentes, mas com características semelhantes, retratando o estranho e a ambiguidade que o *doppelgänger* simboliza, já que “a literatura tem a vocação de pôr em cena o duplo, invalidando o princípio de identidade: o que é uno é também múltiplo, como o escritor sabe por experiência” (FERNANDEZ-BRAVO, 2000, p. 282). É importante frisar que ambos os escritores escreveram outras obras que possuem o Duplo como tema, como “A queda da casa

de Usher” (1839), de Poe, e “O Talismã” (1984), de King e Straub, não sendo um tema novo para eles.

Pode-se afirmar que os autores utilizaram os desdobramentos da temática do *doppelgänger* com vários recursos, como Sombra e Ego, Endógeno e Exógeno, além dos supracitados Reflexo e Gêmeo, mostrando que o Duplo é uma estética que transcende épocas, continuando atual para novos autores e pesquisadores. O Duplo utilizado em King fora o *doppelgänger* exógeno, fora do corpo do ser proveniente, e catalogado na categoria de Keppler (1972), é o duplo gêmeo. O Duplo usado em Poe fora o *doppelgänger* endógeno, um reflexo da sua consciência que o levou à loucura, e relacionando com a lista de Keppler (1972), é o duplo perseguidor, pois a consciência do protagonista o perseguia onde quer que ele fosse, ofertando conselhos para o narrador ao longo de sua vida.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Francisco das C. J. **A construção duplicada em “O homem duplicado”**. 2010. Tese (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, Universidade de São Paulo, 2010.
- AZEVEDO, Guilherme Zubaran de. O duplo como representação do mal na novela O retrato, de Gógol. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**, Porto Alegre, v. 02, n. 01, 2006. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:RHgtHHoE68gJ:https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/download/4860/2775/15551&cd=16&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 18 de out. 2022.
- BRUHM, Steven. The contemporary Gothic: why we need it. In: CAMBRIDGE. **Gothic Fiction**. New York: Cambridge University Press, 2002. p. 259-276.
- BRUNEL, P.; PICHOS, C.; ROUSSEAU, A.M. **Que é literatura comparada?**. Trad. Célia Berrentinni. São Paulo; Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba; Editora da Universidade Federal do Paraná, 1990.
- CAMARGO, Selma de Abreu. **O estranho e o duplo na literatura e no cinema**. 2020. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4ª Ed. São Paulo; Ática, 2006.
- CECILIA, Juan Herrero. **Figuras y significaciones del mito del doble em la literatura: teorías explicativas**. Monografias 2. Universidad de Castilla – La Mancha, 2011. Disponível em: <https://cedille.webs.ull.es/M2//02herrero2.pdf>. Acesso em: 20 de out. 2022.
- CESERANI, Remo. **O fantástico**. Tradução de Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.
- CUNHA, Carla. “Duplo”. In: CEIA, Carlos (Org). **E-Dicionário de Termos Literários**. 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/duplo>. Acesso em: 7 nov. 2022.
- CUPERS, Jean-Louis. **Euterpe et Harpocrate: ou le défi littéraire de la musique**. Bruxelles: Publications des Facultés Universitaires Saint-Louis, 1988.
- DEVES, Maristela Scheuer. O DUPLO COMO CRIMINOSO: uma análise do livro A Metade Sombria, de Stephen King. **Revista Abusões**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 13, p. 142-165, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/abusoes/article/view/49337>. Acesso em: 12 jun. 2022.
- DOLEZEL, Lubomir. Uma semântica para la temática: el caso del doble. In: **Estudios de poética y teoría de la ficción**. Murcia: Universidad de Murcia, 1999.
- FERNANDEZ-BRAVO, Nicole. “Duplo”. In: BRUNEL, Pierre (Org). **Dicionário de mitos literários**. Trad. Carlos Sussekind et al. 3. Ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, p. 261-288. 2000.
- FIGUEIREDO, Eurídice; FAEDRICH, Anna. **Literatura comparada**. V. único Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2006.
- FRANÇA, Júlio. O insólito e o seu duplo. In: GARCÍA, Flávio; MOTTA, Marcus Alexandre (Orgs). **O insólito e o seu duplo**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, p. 7-14.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, v. 17, p. 275-314. 1996.

HOGLE, Jerrold E. Introduction: the Gothic in western culture. In: CAMBRIDGE. **Gothic Fiction**. New York: Cambridge University Press, 2002. p. 1-20.

HOODA, Neelam. A study of ‘gothic doubling’ in Stephen King’s The Dark Half. **Research Scholar e-Journal**, Rohtak, Haryana: Maharshi Dayanand University, v. 7, p. 36-45, 2019. Disponível em: <http://www.researchscholar.co.in/downloads/5-dr-neelam-hooda.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2022.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos e reflexões**. Trad. Dora Ferreira da Silva, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o Inconsciente**. Trad. Dora Ferreira da Silva, 21 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Trad. Maria Lúcia Pinho. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KEPPLER, C. F. **The literature of the second self**. University of Arizona: Press Tucson, 1972.

KING, Stephen. **A Metade Sombria**. Trad. Regiane Winarski. São Paulo; Suma de Letras (Companhia das Letras), 2019. *E-book*.

LOVECRAFT, H.P. **O Horror Sobrenatural na Literatura**. Trad. João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1987.

MOTA, Elaine Christina. William Wilson em O Homem Duplicado. **Travessias Interativas**, Ribeirão Preto, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 14-31, 2011. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/10885/8440>. Acesso em: 9 nov. 2022.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada** história, teoria e crítica. 2 Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

POE, Edgar Allan. **William Wilson**. São Paulo; Editora Rideel, 2011. *E-book*.

QUINN, Arthur Hobson. **Edgar Allan Poe: a critical biography**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.

RANK, Otto. **O duplo**. Um estudo psicanalítico. Porto Alegre: Dublinense, 2014. *E-book*.

REMAK, Henry H. H. Literatura comparada: definição e função. In: COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. Textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 103-116.

ROGAK, Lisa. **Stephen King, a biografia** – coração assombrado. Trad. Cláudia Guimarães. Rio de Janeiro: *DarkSide Books*, 2013. *E-book*.

ROSSET, Clément. **O real e o seu duplo**: ensaio sobre a ilusão. 2ª Ed. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

SIERRA I FABRA, Jordi. **Poe: a vida brilhante e sombria de um gênio**. Trad. José Rubens Siqueira. 1ª Ed. São Paulo: Ática, 2013.

SOARES, Lenice Alves. *Das Unheimliche* ou “O estranho” de Freud. **Revista Abusões**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 10, p. 9-39, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/abusoes/article/view/42193>. Acesso em: 15 ago. 2022.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de M. Clara C. Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.

WEISSTEIN, Ulrich. **Comparative literature and literary theory: survey and introduction**. Bloomington, London: Indiana University Press, 1973.